

[1964–2014] – UM EXERCÍCIO DA POSSIBILIDADE DE REALIZAÇÃO DE UMA AUTOBIOGRAFIA

Francisco José Silva Calixto

Poeta, Bacharel em Ciências Sociais c/ Habilitação em Pesquisa (UECE), Mestre em Educação (FACED/UFC) e Pesquisador Agregado ao Núcleo História e Memória da Educação (NHIME). E-mail: dedhamcalifa@gmail.com

Introduz-se a ação

Vou indo devagar,/Fazendo o que sei fazer
O futuro para mim/Já é coisa do passado.
BOB DYLAN

A ação e o exercício de pensar na possibilidade de realização de parte de uma autobiografia [a minha] é o escopo desta comunicação. Penso que, portanto já passados 50 anos ser mais que oportuno um breve balancete autobiográfico. No 1º de abril de 1964, com menos de 15 dias da chegada ao mundo do rebento rebelde foco dessa experiência de autobiografia, um fato social total portanto um marco histórico faria uma transformação imediata de toda a ordem legal vigente no Brasil. Tratou-se da instauração da ditadura civil-militar em solo brasileiro. Um Golpe de Estado na acepção clássica da Ciência Política. Os militares em aliança com segmentos societários civis tomaram o poder total e, em dia 13 de dezembro de 1968, numa fatídica sexta-feira, 13, realizaram a consolidação dessa ditadura militar/civil. Diz o cantador “e na parede da memória esse o quadro que dói mais . . . “ para pensar e ter tal qual a compreensão de Belchior.¹

Uma primeira pausa para primeiras reflexões e brisa suave. O exercício da arte de confissões remonta como se sabe todos os séculos e grandes pensadores inclusos aqueles – das correntes de

¹ Compositor, cantor e cearense filho de Sobral. Uma das referências do campo poético musical para alguma noção da periodização do regime autoritário em voga no Brasil.

filosofias modernas –, apresentaram suas autobiografias antes que algum aventureiro lançasse a mão, com todo respeito aos andarihos historiadores. Assim se destacam nessa empreitada o jusnaturalista Jean-Jacques Rousseau² [1712–1778], o filósofo aforismático Friedrich Nietzsche³ [1844–1900]. No entanto dos Doutores Antiguidade não podemos olvidar d'As Confissões, de *Aurelius Augustinus* [354–430] – o Santo Agostinho,⁴ certamente a mais clássica, no *stricto sensu*, da compreensão do adjetivo valorativo das autobiografias.

No campo da História e da História da Educação registram-se uma fecunda e cada vez mais crescente produção de estudos que fazem alusão à trajetória de formação de personalidades as mais diversas, apresentando respectivamente suas práticas educativas, seus itinerários de constituição como educador e os contextos em aconteceram este processo formativo. Sopesa-se ainda que as pesquisas que tratam biografia e da autobiografia, há tempos não gozava de tanta visibilidade e de grande exposição como nesses dias dessa Modernidade Líquida no dizer do pensador BAUMAN (2005). Nos dias que correm e devoram feito Cronos destaca-se, sobretudo a polêmica em torno das biografias não autorizadas de grandes astros do mundo artístico no campo midiático.

No que concerne às narrativas-de-si estas representam *grosso modo* como umas das marcas⁵ do ser humano as quais se refere Fustel de Coulanges [1830–1889]. Pode-se afirmar que as autobiografias são parte do processo de civilização posto que confirmam a compreensão de que as trajetórias de vida e as escolhas dos indivi-

² ROUSSEAU, Jean Jacques. **Las confesiones**. Madri: Alianza, 1997.

³ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecco Homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁴ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulinas, 1984.

⁵ Cfe. Fustel de Coulanges : “Onde o Homem passou e deixou marca de sua vida e inteligência, aí está a História.” *Apud* CARDOSO, C.F. & MAUAD, A.M. *História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema*. In: CARDOSO, C.F. & VAINFAS (Orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. [p.401].

duos refletem-se na vida societária do Homem e do postergado às gerações subsequentes. Como bem observa YOURCENAR⁶ (1974, p.30) dispõe-se de três meios de avaliação da existência do ser humano, a saber: o estudo de si mesmo, a observação dos homens e os livros.

A problemática em torno das autobiografias apresenta-se na ordem do dia dos *MMXIV* por sobradas razões nesses modernismos tão líquidos. Com efeito, poder-se-ia na realização de uma autobiografia na acepção do estudo de si e da invenção-de-si, como uma possibilidade de apresentação de narrativas autobiográficas? O exercício dessa atraente e sensível arte e manha autobiográfica é factível nesses tempos em que o excesso de fontes é extraordinária? O cinquentenário é para o Ser um marco da Existência?

Para responder tais indagações ditas norteadoras a seguir exponho ao longo do texto entrecortadas algumas considerações. Antes, porém uma outra pausa para uma esperada brisa suave.

O estudo de si mesmo e as confissões de qualquer ordem e possibilidades, assim conceitualmente pensadas como autobiografias sempre se apresentaram como um legado à Humanidade. Sabe-se – como já explicitado ulteriormente –, que alguns dos grandes pensadores possuíram este vício altaneiro de realizar confissões [autobiografias] como as supracitadas. Aqui nossa ousadia não chega a tanto. Trata-se doutra experiência. Vamos adelante.

Nos fins de *MMXIII* muito próximo de meus cinquenta janeiros me impus este desafio a minha Pena. Começaria a escrever uma parte de minha autobiografia em prosa e poesia. Para pensar nessas questões extemporâneas, em dezembro de *MMXIII* pensei no conceito que nomeei de “a próxima viagem”, isto é, o que eu faria no futuro do subjetivo próximo. Tudo isso naquele janeiro único em que todas as Deusas e os Deuses apresentar-me-iam como dádiva os meus outros 50 anos ou mais restantes dessa vida ordinária.

⁶ Cfe. *Apud* por NUNES, Lúcia. Prefácio. In: FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Et All* (Orgs.). **Pelos fios da memória**. Fortaleza, Edições UFC. Coleção diálogos Intempestivos, nº 166. (p. 11).

O cidadão brasileiro, Francisco José Silva Calixto, 2º filho do casal Francisco das Chagas Calixto e de Maria Helena Silva Calixto veio a tornar-se membro da Humanidade – nos dias de hoje mais de 7 bilhões de seres –, depois de nascido em Fortaleza-Ce aos 19 de março de 1964, conforme as narrativas de sua genitora e certidão de nascimento.⁷

Assim iria adentrar aos vastos palácios da memória. A inspiração me veio do veio de Santo Agostinho [Aurelius Augustinus # 354 – 430]. Assim rebusquei meus escaninhos, reabri os baús de ossos e reli alguns papéis já amarelados pelo tempo. Alguns desses escritos são dos verdes anos da juventude, outros de meus primeiros cabelos brancos.

Dediquei-me amiúde a jornada como quem buscava retomar todo o exercício dos sentidos. Outra vez olhar e reler alguns de meus escritos, com olhos algumas vezes molhados por lágrimas. E seria como que de volta ao começo, novamente experimentar o sabor e gosto daquela fruta expropriada madura do quintal do vizinho, na minha infância e re)(significá-lo. De novo ouvir aquelas canções,⁸ aquelas cantigas de ninar e aquelas de minha adolescência que mencionavam na construção de metáforas o combate a já mencionada ditadura militar e civil. Igualmente sentir as fragrâncias da Mãe-Natureza e re)(traduzi-las. Noutros orbitais na busca de um sexto sentido possível.

Tratava-se tudo apenas um passatempo e divertimento de pequena monta naquele final de **MMXIII**. Todavia logo foi crescendo, desenvolvendo-se e seguindo, par e passo, alguns dos ciclos de minha existência no planeta Terra. Assemelhava-se como que de

⁷ Certidão de Nascimento nº 213.069, registrado no Livro nº 154, folha 231, no dia 26 de fevereiro de 1966. **Vide** icnografia apresentada.

⁸ **Vide** especialmente de CASTRO (2012) o iluminador e belo artigo: **Pão, poesia e artes**: intelectuais, professores, estudantes, artistas e a educação (1960-1970). In : SANTANA, J.R *Et Ali* (Orgs.). **Imagem, memória e educação**. Fortaleza, Edições UFC. Coleção diálogos Intempéstivos, nº 109. [149-173].

volta ao começo, já nos meados de minha vida. No processo de realização do projeto o desafio ficou com marcas de um prazer intenso feito o encontro do poeta com uma Musa ainda incógnita. Aquela que se apodera de todos os sentidos e assim lhe entorpece tal qual uma brisa suave, deixando-lhe embevecido amiúde. E, sobretudo, depois veio o desafio de apresentar um artigo para o III Encontro Nacional do NHIME – assim nomeado: **Golpe de 1964: História, Geopolítica e Educação.**

Portando as justificativas foram as mais significativas. Nessas minhas “Confissões Primícias” para efeito de exposição, neste artigo a dividi em duas partes distintas: a primeira, em prosa, em alguns kriptos de certos acontecimentos de minha geração. Ambas são como um mosaico sobre qual caminhei e no dizer do poeta castelhano de Sevilha, Antonio Machado: “*Caminante no hay camino hace camino al andar/ y ustedes han empezado a caminar, con prudencia, pero con firmeza/*”. O caminho caminhado foi em alguns tempos com paz e ciência; noutros com rebeldia e impaciência. A segunda nos versos diversos, muito deles escritos sob o pseudônimo de Dedham Califá,⁹ o bardo de lugar nenhum, sobretudo humano demasiado humano. E assim me autonomeie como um Ser de poesia pulsante.

Com as bênçãos de meus ancestrais as preliminares: a prosa de um memorial

A gente vai contra a corrente / Até não poder resistir / Na
volta do barco é que sente / O quanto deixou de cumprir /

...

Roda Viva – Chico Buarque

⁹ *Dedham Califá* originou-se, no século passado, com minha participação em certame de poesia realizado nos anos de 1999, em Curitiba-PR, no envio por correio eletrônico e a necessidade de um heterônimo. Lembro-me que na minha primeira experiência em sala de aula, em 1984, ao apresentar-me como o nome de meu pai Calixto, todos os alunos passaram-me a me chamar de *Califá*. Na época foi exibido na TV, o Sítio famoso Sítio Pica-Pau Amarelo, uma adaptação do famoso escritor, Monteiro Lobato, uma história do Califá de Bagdá. Assim envie o soneto dedicado a Violeta Parra nomeado: **Incesto.**

Esse provisoriamente autobiografado, eu, Francisco José Silva Calixto, Dedé Calixto, para os mais próximos: sua parentela e alguns malungos parceiros de jornada de lutas e de folias – com aos quais veio saber e compreender um pouco de Deusas e Deuses que dançam amiúde. No princípio realizei os meus primeiros aprendizados junto à minha família e numa escolinha chamada Escola Os Lobinhos.¹⁰ As chamadas primeiras letras, bem como as demais foram processadas em escolas públicas. O Primeiro Grau em duas escolas: Colégio Monsenhor Amarelho e Escola de 1º Grau Dep. Manoel Rodrigues. Depois cursou o hoje, denominado Ensino Médio, com um curso profissionalizante: Técnico em Contabilidade, no Colégio Justiniano de Serpa, no início da década de 80.

Considero significativa a recordação de que a esse tempo nas transgressões do acaso eu pulavam o muro para assistir aulas no Justiniano de Serpa, após assistir aos espetáculos que aconteciam às sextas-feiras no chamado Projeto Luiz Assunção.¹¹

Nessa periodização em foco obtive outras letras na Educação Informal, algumas lições e aprendizados quando trabalhei no ramo da construção civil e no campo da Política. A ditadura militar e civil nos anos 80 apresentava sinais de declínio após mais de 20 anos de desrespeito aos direitos humanos com arbítrio, torturas e desaparecimentos de políticos ligados à oposição do regime autoritário instaurado em 1964.

Esta efervescência do processo de redemocratização brasileira me conduziu a militância no campo da Política iniciada, a princípio em organizações ligadas a Igreja Católica: Grupo de Jovem, Comunidade Eclesiais de Base (CEB's), na Juventude Operária (JOC) e

¹⁰ A minha recordação primeira é um reconhecido tributo à Professora Malvan, por toda a minha alfabetização. A segunda um passeio de trem repleto de aventuras no roteiro Fortaleza/Caucaia/Fortaleza, naqueles idos dos anos de 1970.

¹¹ O Projeto Luiz Assunção foi série de apresentações artísticas realizadas no início dos anos de 1980, nas noites de sextas-feiras a partir das 18:00hs. no espaço cultural Cidade da Criança com o patrocínio da Prefeitura Municipal de Fortaleza

depois como simpatizante de partidos clandestinos como: Partido Revolucionário Comunista (PRC); Partido da Revolução Operária ((PRO); e por fim, a filiação no Partido dos Trabalhadores (PT) e desfiliação antes dos anos 2.000.

Neste processo supracitado recordo-me que a música desempenhou para mim um significativo papel educativo. As canções na voz de Chico Buarque (Apesar de você), Elis Regina (Upa Neguinho), Milton Nascimento (Maria, Maria) e Nara Leão (Opinião), dentre outras remontam esse período em foco. A educação informal pelos sentidos: olhos e ouvidos. Neste aspecto penso serem oportunos alguns versos das músicas citadas e a icnografia:

Hoje você é quem manda/Falou, tá falando, não tem discussão/A minha gente hoje anda falando de lado/ e olhando pro chão/ E você que inventou este Estado (...)
Apesar de você amanhã há de ser outro dia/E eu pergunto a você onde vai se esconder/Da enorme euforia (...) [Chico Buarque]

(...) Cresce neguinho e me abraça/Cresce e me ensina a cantar/Eu vim de tanta desgraça/Mas muito eu te posso ensinar/Capoeira, posso ensinar/Ziquizira, posso tirar/Valentia posso emprestar/Liberdade, só posso esperar [Edu Lobo/G. Guarnieri]

(...) Mas é preciso ter força/É preciso ter raça/É preciso ter gana sempre/Quem traz no corpo a marca/Maria, Maria/Mistura a dor e a alegria [Milton Nascimento]

(...) Podem me prender/Podem me bater/Podem até deixar-me sem comer/Que não mudo de opinião [Zé Keti]

A mobilização das forças oposicionistas ao regime autoritário nessa periodização ganhara força e visibilidade respectivamente com o movimento pela anistia dos presos políticos e a campanha pelas “Diretas Já”. Nesse ínterim, em 1984, encontrava-me no curso de Economia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Com a chegada da minha 1ª filha, Bárbara de A. Calixto, em 1986, logo necessitei dedicar-me a outros aprendizados. Algumas estratégias e táticas

de sobrevivência. Aos bancos universitários retornei nos primeiros anos da década de 90, na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Nessa IES graduei-me em Ciências Sociais, com Habilitação em Pesquisa. Naquela ocasião, ao final do curso apresentei e defendi uma monografia, no âmbito da Sociologia da Música, sob a régia orientação da Professora Mestre, Mary Pimentel Aires, com o título: **A Música de Luiz Gonzaga: um olhar sobre o Nordeste**. Nesses tempos de pesquisa e ousadia perdi-me de amores por minha Orientadora.



Figura 1 – Acervo Omar Califa

A aludida pesquisa provocara-me ainda desafios maiores na seara pesquisa das Ciências Sociais, sobretudo, nos aspectos dos fenômenos sócio históricos, educacionais e memorialísticos, que o levou-me no final da década, em 1999, apresentar dois projetos de pesquisa que tinham como foco a Administração Popular de Fortaleza, a gestão da prefeita Maria Luiza Fontenele. O primeiro no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, na linha de pesquisa Cultura e Política; e outro, no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, no núcleo de História, Memória e Política Educacional, ambos da Universidade Federal do Ceará. Selecionado para o Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da FAGED/UFC, ao final realizei a defesa, em 2002, da dissertação intitulada: **Memórias e Narrativas: a política educacional da Administração**

Popular de Fortaleza (1986–1988), sob a batuta e orientação, do Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos e o amparo prestimoso da Fundação Cearense de Amparo a Pesquisa (FUNCAP). Tempos de compartilhamentos de saberes e transgressões.

Afora esses esforços na coleta e reflexão de dados da supracitada pesquisa registre-se, além disso, nos meados dessa década de 10, deste Séc. XXI, a experiência com a docência na área da História, Sociologia e Filosofia da Educação, no Departamento de Fundamentos da Faculdade da Educação da Universidade Federal do Ceará, onde tive a satisfação de vivenciar a intensa reprodução de saberes e práticas, em especial, nos diálogos intempestivos, nas ações estéticas desenvolvidas por parte da comunidade acadêmica daquela IES e no seu entorno, nesse período supracitado.

No meados da 2ª década do 3º milênio, já em 2014, prossigo nesse *métier* da pesquisa sociológica, histórica e educacional, assim objetivo pensar, estudar e compreender as migrações e a educação [formal e informal], com foco nos aprendizados interculturais, no Séc. XXI, com olhar específico sobre a comunidade de pesquisa, a saber: os estudantes migrantes temporários africanos, no Benfica. E mais ainda, a dedicar-se ao exercício do ócio e à poesia incessantemente.

Por uma poética da autobiografia

Só tenho um guia fiel com o qual posso contar; é a cadeia dos sentimentos que marcaram a sucessão de meu ser [...]. Esqueço facilmente minhas desgraças, mas não posso esquecer minhas faltas, e esqueço ainda menos meus bons sentimentos. A lembrança deles me é por demais cara para jamais se apagarem de meu coração [...].

Las confesiones – JEAN JACQUES ROUSSEAU

Nesta seção mais do que uma busca nos vastos palácios da memória para lembrar outra vez das palavras de Santo Agostinho destaco que os contatos com os labirintos da poesia foram para

mim uma oferenda de Deusas e fizeram-me como afirmo, vez por outra, um “Ser de poesia pulsante”. Nesse processo dois livros foram-me marcantes: primeiro, “**A medida do ser: sonetos**” do poeta cearense Otacílio Colares; e o segundo, “**Antologia poética**” do bardo chileno Pablo Neruda. Ambos foram definitivos para o nascituro do bardo Dedé Calixto e do poeta de lugar nenhum: Dedham Califa.

Autobiográfico

Cheguei para este louco mundo naquela outra Coréia
 Rebento de D. Helena e Chico Calixto – filho do Golpe
 Em 19/março de 64. Gorilas /milicos a ditadura a galope
 Eu inquieto *pero* no ventre de mamãe; eis minha Odisseia!

Aos seis veio-me contato com a morte – fora-se papai
 E essa medonha recordação da infância não me sai
 Ágil o relógio do tempo salta pra vida que vem e vai
 Vem-me a chegada de Bárbara aos 20 anos ou mais!

Outrora me fiz criança na poesia das águas do Papicu
 Em suas múltiplas lagoas, no verde da mata semi-virgem
 Éramos sete; pintávamos mais que isso sob um fundo azul!

Naveguei por mares e, cigano fui adiante com amigos e amadas
 No rumo de dunas brancas feito as coxas da Musa – ó doce Esfinge!
 E assim me estou bem feliz, com todas essas inacabadas jornadas!

Dedé Calixto

1995

Este soneto autobiográfico cripto rascunhado no pátio do Centro Humanidades de Universidade Estadual do Ceará (UECE), lembro-me que ainda no Séc. XX, por ocasião de minha graduação em Ciências Sociais foi um desafio de nossa bela e instigante turma (92.2 e 93.1).¹² Nele revisei os meus “vastos palácios da memória”

¹² Essa Turma das Ciências Sociais do CH/UECE é aquela do VSL-3171 – o inesquecível Zine nomeado: **VLS-3171 – Veículo Lançador de Satélites**, pelo Editor: o brilhante Vancarder Sousa. O **VLS-3171** como se sabe não veio para trazer a Pax.

que alude AGOSTINHO (1984), alguns dos marcos de minha história. Como nos faz pensar Friedrich Nietzsche, aquilo que não existe como esquecimento da dor, o que não te faz ressentido ou rancoroso, logo o consolida com vontade de potência. Aos versos do poeta após uma brisa suave:

Testamento

Desejo que tomem porres pós-minha morte
Preferentemente nos bares em que me estive
Espero que consolem as viúvas e as consortes
Por a feliz sorte de viver-se comigo – ao nível!

Mas esperem por lua cheia para sair o féretro ligeiro
Mesmo que de meu corpo exale odores insuportáveis
Quando vier aquela de quem fui mais fiel companheiro
E me levem à parte que me cabe do latifúndio suave!

Gentileza cantem “Truid” de Raul e outras tantas daquelas
“Tente outra vez” – ah, não esqueçam os sambas e reggaes
E a brisa suave e as biritas de todos os gostos até de canela!

Façam valer tal testamento mesmo que só encontrem à Ementa
Numa manhã assim cinzenta e esteja amarelo poeirento e reles
Que se faça cumprir ao passar longos anos no mínimo noventa!

Dedé Calixto

1995

Este outro soneto escrito para um futuro do subjetivo similarmente também foi rascunhado no lugar de memórias supra-mencionado e mais uma vez consolida – sem qualquer contato com “Nietzschianismos” –,¹³ todavia tão somente como uma vontade de potência. Em minhas memórias lembro-me que o Leozinho¹⁴

¹³ Refiro-me ao livro **Nietzschianismos**, da Coleção Diálogos Intempestivos, nº 50, organizado em 2008, respectivamente por Cellina Muniz, José Gerardo Vasconcelos e Roberto Kennedy Gomes Franco.

¹⁴ O inesquecível Léo Ramalho (*In Memoriam*) hermano de jornadas de pesquisas, de orgias culturais e folias diversas.

olhou-me com um carinho raro daqueles quem sabem o significado das palavras e das coisas, do mundo e do cotidiano. Um olhar de quem tem a compreensão do óbvio.

Os outros dois sonetos apresentados *abajo* foram escritos na transição dos anos de 2.000. Uma década depois estes versos sinalizam para uma poesia do devir. Noutras palavras, uma poética do movimento, pois a um bardo na inércia seria o seu fim, representam suas cinzas de poesias, portanto *la muerte*. O fenômeno que ao poeta não existe como perspectiva, futuro ou legado.

Tempos Poéticos

Os versos nos abundam ao bico da Pena
As musas cintilam na imensidão do Cosmos
Ecoando na concretude de assombro do poema
Fazendo o bardo sangrar sua poesia pelos poros!

Nesses tempos poéticos de safra prodigiosa
Em que se lavram rimas também ao deserto
Ao poeta nem carece saber *O nome da rosa*
Pois nomeá-la desfaz-se o mistério decerto!

Ah, essa quadra de fertilidade assim profícuca!
Onde as métricas harmonizam-se aos sonetos
A despeito do tempo global de Era assaz crua!

Navego colhendo as *Flores do mal* no dia-a-dia
Dias sim e noutros não eu sobrevivo aos leitos
Em que as Musas tomam corpo ao *Latim* da Poesia!

Dedham Califa

Dez/99

Entre luas

Sempre após equinócios e solstícios
Entre os pontos equidistantes celebro!
Continuo a jornada adiante e navego . . .
Voou ao Oriente, Zênite e precipícios

Sempre tecendo estes sonetos aos dias
Nesse ínterim intervalos de noites de lua
Que vez e quando vem bela intensa e nua
Para assim desatinar o bardo com sangrias!

Nesses desfiladeiros e fiordes insanos
Em companhia de comparsas e felinas
Sob luar a fazer-nos demasiados humanos

Logo danço com deusas e deuses e profano
Na claridade da lua de maduras meninas . . .
Assim percorro luas pelos meses de todo o ano!

Dedham Califa
2009

Arremate finalis

Com efeito, poder-se-ia na realização de uma autobiografia na acepção do estudo de si e da invenção-de-si, como uma possibilidade de apresentação de narrativas autobiográficas? O exercício dessa atraente e sensível arte e manha autobiográfica é factível nesses tempos em que o excesso de fontes é extraordinária?

Ao final dessa jornada que se enfrentou o exercício da possibilidade de realização de uma autobiografia, com efeito, pode-se retornar as questões formuladas nesse ensaio como problemática de pesquisa.

As narrativas autobiográficas consistem de modo *par excellence* uma forma de compreensão do mundo que nos cercam com tanta intensidade da história. Com efeito são uma possibilidade de realização de estudo de si e da invenção sobretudo de compreensão do mundo e do tempo vivido. Compreendo que esse exercício é de significação ímpar, e especial, nesses tempos em que a acessibilidade de as fontes diversas é uma constante.

As datações ou periodização como as efemeridades como cinquentenário é não resta dúvida pelo menos um marco para ba-

lanços, compreensão do *Ecco Homo*, pensar na trilha efetuada em parte considerável da Existência. Sobretudo realizar reflexões acerca dos aprendizados de caminhadas, de lições compreendidas e por fim ter a noção do que realmente proporciona a educação de um educador.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulinas, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CARDOSO, C.F. & MAUAD, A.M. *História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema*. In: CARDOSO, C.F. & VAINFAS (Orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

MUNIZ, Cellina, VASCONCELOS, José Gerardo *Et all* (Orgs.). **Nietzschianismos**. Fortaleza: Edições UFC, 2008. (Coleção Diálogos Intempestivos, nº 50)

FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Et all* (Orgs.). **Pesquisas educacionais biográficas**. Fortaleza: Edições UFC, 2014. (Coleção Diálogos Intempestivos, nº 159)

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecco Homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Las confesiones**. Madri: Alianza, 1997.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. 4ª ed. Brasília: EUNB, 1998.

CASTRO (2012) o iluminador e belo artigo: **Pão, poesia e artes**: intelectuais, professores, estudantes, artistas e a educação (1960-1970). In : SANTANA, J.R *Et All* (Orgs.). **Imagem, memória e educação**. Fortaleza, Edições UFC. Coleção diálogos Intempestivos, nº 109. [149-173].